

ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DO 9º ANO DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE CAMAÇARI-BA, SOB A PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA E DA SUSTENTABILIDADE

Adeline Cerqueira Souza (Universidade Estadual de Santa Cruz) -

addgeo@yahoo.com.br,

Tereza Genoveva Nascimento Torezani (Universidade Estadual de Santa Cruz) -

terezatorezani@gmail.com

RESUMO:

As diferentes concepções teórico-metodológicas da ciência geográfica, assim como suas categorias, técnicas e ferramentas possibilitam o encaminhamento da disciplina Geografia de maneira mais completa, no tocante à temática sustentabilidade, pois seu estudo compreende a relação entre o homem e a natureza, enfocando, de maneira holística, essa temática. A sustentabilidade ainda se constitui um tema novo dentro das escolas e dos livros didáticos, e como o mesmo, muitas vezes, se apresenta como a única ferramenta de trabalho nas escolas públicas, sendo, portanto, a base para o ensino-aprendizagem, fazendo-se necessário analisar conteúdos e metodologias adotadas para abordar a temática sustentabilidade na disciplina de Geografia. Sendo assim, o referente artigo analisa criticamente tais conteúdos e metodologias nos livros didáticos do Ensino Fundamental II – 9ª ano, adotados nas escolas do município de Camaçari-BA.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Geografia; Livro didático.

ANALYSIS OF TEXTBOOKS OF THE 9th YEAR SCHOOLS OF CAMAÇARI-BA, UNDER THE PERSPECTIVE OF GEOGRAPHY AND SUSTAINABILITY

ABSTRACT:

Different theoretical and methodological conceptions of geographical science, as well as its categories, techniques and tools enable forwarding of Geography discipline more fully regarding the sustainability theme as his study understands the relationship between man and nature, focusing holistically this theme. Sustainability, still constitutes a new within schools and textbooks theme, and how it often presents itself as the only tool working in public schools, therefore, is the basis for teaching and learning, is it necessary to analyze the methodological approaches adopted to address the sustainability issue in the discipline of Geography. Thus, the related article critically examines these proposals in the Secondary School teaching books - 9th year, textbooks adopted in schools of Camaçari-BA.

Key-words: Sustainability; Geography; Textbook.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de desenvolvimento sustentável foi o resultado das intensas discussões iniciadas na conferência de 1972 em Estocolmo, mas a concretização formal do conceito se deu através do Relatório Brundtland, Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento das Nações Unidas (CMMAD, 2001) definindo-o como aquele que satisfaz as necessidades do presente, sem colocar em risco a satisfação das necessidades das futuras gerações e tem como pilares: respeito e cuidado pela comunidade de vida; integridade ecológica; justiça social e econômica; democracia, não violência e paz. Ainda conforme CMMAD (2011), este tem como principal objetivo satisfazer as necessidades e aspirações humanas essencialmente dos pobres do mundo, pois segundo ele, a noção das limitações que o estágio da tecnologia e da organização social impõe ao meio ambiente impede o atendimento às necessidades presentes e futuras.

Por isso, é válido ressaltar que o conceito utilizado neste trabalho é o conceito de sustentabilidade e não o de desenvolvimento sustentável, uma vez que – ambos estão sendo usados amplamente faz-se necessário conceituá-los de modo a evidenciá-los e posteriormente não comprometer o entendimento do trabalho – é muito fácil visualizar a incongruência lógica que há nas conclusões referidas ao termo e, ainda, os teóricos referenciados no trabalho afirmam que o desenvolvimento sustentável não pode ser realizado dentro do atual modelo de produção (BENFICA, 2012) porque as discussões não poderiam levar em consideração apenas os direitos de equidade da produção e do consumo entre as futuras gerações, enquanto os países desenvolvidos continuarem a defender uma divisão desproporcional dos usos dos recursos naturais, ou seja, “[...] lutar por equidade entre gerações resultará, inevitavelmente, em lutar por equidade dentro das atuais gerações” (BRAKEL, 2003. p.4).

No entanto, sabe-se que todo pensamento científico exige sucessivas e profundas contradições ao longo do seu processo para tentar chegar aos resultados, por isso, o presente trabalho adota o pensamento de Henrique Leff. Para o referido autor, sustentabilidade “[...] é o significante de uma falha fundamental na história da humanidade; de civilização que alcança seu

momento culminante na modernidade, mas cujas origens remetem à concepção do mundo que serve de base à civilização ocidental” (LEFF, 2001. p. 9). Percebe-se que tal conceito é menos utópico, estando enraizado nas escolhas realizadas pela sociedade e insere o homem no processo atual.

Ainda, para abordagem de tal temática, fez-se necessário conceituar dois termos aderidos ao longo do trabalho: Geografia Tradicional e Geografia Crítica. O primeiro, por meio do livro intitulado *Landschafts* e escrito pelo geógrafo Humboldt (1849), que mais tarde aproximou-se da definição de Geografia Tradicional, por concretizar o processo. Esta denominação convinha, naquele momento histórico, devido ao seu embasamento filosófico e metodológico serem os postulados positivistas, que se pautavam na enumeração, observação, descrição e a classificação dos fatos referentes ao espaço (MORAES, 1994). O movimento confrontante a este, que objetivava buscar uma nova linguagem, mudanças conceituais e metodológicas foi o da Geografia Crítica. A designação crítica para a Geografia refere-se a um posicionamento frente à realidade, à ordem social operante.

Com vista no que foi discutido anteriormente, é notório que quando a sociedade está em vias de mudança, exige-se o mesmo da educação, assim, sugere-se a disciplina de Geografia como um caminho para esta mudança.

Tomando como comparação outras ciências a exemplo da Biologia e Ecologia, Mendonça (2010) argumenta que apesar de contribuírem com diferentes pesquisas voltadas para a compreensão do meio ambiente, seus estudos estão longe da associação entre a natureza e o homem, então ele conclui que “[...] a Geografia é, sem sombra de dúvida, a única ciência que desde sua formação se propôs o estudo da relação entre os homens e o meio natural do planeta [...]” (MENDONÇA, 2010. p. 22).

A ciência geográfica, no decorrer das décadas, adquiriu uma amplitude de concepções teórico-metodológicas, permitindo-lhe uma maneira mais integrada de estabelecer uma leitura dialética sobre o meio ambiente, uma vez que o seu corpo programático e ideológico contempla uma vasta gama de ferramentas (textos, gráficos, tabelas, fotos de paisagens, fotos aéreas, mapas) e ligações com outras ciências (Matemática, Política, História, Antropologia, Economia, Ecologia, Filosofia, Sociologia) o que lhe permite estudar os

fenômenos de forma mais complexa. E no que se propõe aqui, a Geografia possibilita uma perfeita união para desenvolver concepções, competências e habilidade, desestruturando ideologias e alienações.

Sendo por meio do tripé - produção, alienação e consumo - argumentados pelos pesquisadores Gonçalves (1987, 2000, 2006), Vesentini (1997), Santos (2001, 2008), Harvey (2005), Portilho (2005) Rodrigues (2005) é que a Geografia viabiliza uma melhor análise sobre a sustentabilidade. O enfoque, produção revela-se pertinente por comumente associar a origem dos problemas da referida temática aos educandos, e não aos detentores da produção, além de colocá-los como solucionadores, induzindo-os a tomar medidas cotidianas, que em prática são paliativas, para solucionar problemas de ordem mais ampla, que se associam diretamente ao setor da produção à formação da alienação e ao incentivo do consumo. Nesse quesito, a Geografia preenche o corpo argumentativo de forma detalhada, pois além do contexto da produção os Geógrafos discorrem minuciosamente sobre as mesmas questões associadas e relacionadas a suas categorias de análise, além de inserirem o espaço, o tempo em suas diversas escalas.

Para facilitar o entendimento e embasar a relação entre alienação e a temática em discussão utilizou-se como fundamentação teórica a Teoria da Atividade, esta idealizada por Vygotsky, Leontiev (1978) e Luria (*apud* Duarte 2002), a qual nasceu da tentativa de se aplicar as ideias marxistas na pedagogia. Deste ponto de vista pode-se pensar a Teoria da Atividade como uma projeção do materialismo histórico dialético sobre o ambiente educacional.

Dentre os pontos de destaque dessa teoria e a sua intercessão com o enfoque aqui discutido, Duarte (2003) considera central a relação entre a estrutura objetiva da atividade humana e a estrutura subjetiva da consciência. Ele também destaca duas, entre as várias e decisivas implicações da análise que Leontiev faz dessa relação, primeiramente o “avanço no campo da teoria marxista no que se refere às complexas relações entre indivíduos e sociedade; em segundo (...), o enriquecimento dos instrumentos metodológicos de análise dos processos de alienação (...)” (DUARTE, 2003, p. 6). Tal processo é produzido pelo que há de mais importante no modelo da sociedade capitalista.

O modo de produção capitalista incorporou nos processos psíquicos do homem um sentido imediato em suas ações e no seu trabalho suprimindo suas necessidades básicas já que sua consciência convive com a divisão de classes sociais e esta submete o sujeito entre o saber e o fazer. Tal argumentação deixa claro o conceito de atividade conforme Leontiev.

Assim, se a formação da consciência for interpretada como um processo cognitivo que está vinculado ao contexto sócio-histórico, do ponto de vista da pedagogia, o desenvolvimento desta consciência depende da atuação do professor, cujo maior objetivo de suas atividades de ensino seria o de possibilitar a interação entre o saber e o fazer, o que resultaria na superação da alienação tão presente no modo de produção do sistema capitalista. Observa-se ainda, que o papel do professor não consiste apenas em transmitir informações ou conhecimentos, mas em apresentá-los sob a forma de problemas a serem resolvidos, situando-os num contexto e colocando-os em perspectiva, de modo que o aluno possa estabelecer a ligação entre a sua solução e outras interrogações mais abrangentes (DELORS, 1999).

Diante disto, afirma-se que a problemática associada à sustentabilidade está enraizada também em questões ideológicas. Uma pergunta que surge naturalmente é se essa ideologia é inerente ao homem ou se foi apreendida por uma questão política e econômica.

Para respondermos a essa questão se faz necessário analisarmos diferentes sociedades que tomaram cursos distintos, no que se refere ao seu ambiente natural, muitas dessas conseguiram superar os seus problemas mantendo-se sustentáveis. Como exemplos podem ser citadas as nórdica e Inuíte na Groelândia: ambas compartilhavam a mesma ilha, um ambiente difícil, porém, culturalmente lidaram com os problemas de maneiras bem diferenciadas, de tal modo que a segunda sobrevivia enquanto a primeira morria.

Nas sociedades modernas, podemos citar a Austrália e a Suíça, ambas consideradas do primeiro mundo: a primeira enfrenta problemas graves referentes à superexploração do seu meio natural, enquanto a segunda estabilizou e expandiu suas florestas (DIAMOND, 2005). Percebe-se, diante desta dicotomia, que por um longo tempo e em diversas culturas na história

humana, a relação homem natureza se deu de maneira mútua. Entende-se, portanto, que há um viés político por trás da problemática discutida até o momento na nossa sociedade. E esse viés, nada mais é do que o programa estabelecido através de um modelo econômico, social e cultural atualmente conhecido como capitalismo. Além dessas questões há que se pensar que do ponto de vista prático, a implantação direta de uma ideologia oposta à atual acarretaria um choque abrupto no modelo urbano vigente, por isso é de suma importância o desenvolvimento e utilização das ciências tecnológicas como balizadoras deste processo.

No entanto, pelas leituras, percebe-se que o estudo da sustentabilidade está constituído por diferentes concepções, ferramentas e ciências; assim como já se discutiu sobre a própria Geografia. Acredita-se então, que a mesma pode contribuir de forma efetiva com o ensino-aprendizagem da sustentabilidade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) reforçam tal afirmação demonstrando que, praticamente, quase todos os conteúdos previstos no rol do meio ambiente podem ser abordados pelo olhar da Geografia, evidenciando que a proposta dessa ciência para os estudos das questões ambientais, favorece uma visão clara dos problemas de ordem local, regional e global, o que resulta em uma melhor compreensão e explicação. Enfim, a organização dos conteúdos e aplicações metodológicas eficazes, fornecem elementos para a tomada de decisão e permitem intervenções necessárias (PCN, 1998).

A discussão teórica em torno da inserção da sustentabilidade no ensino escolar não é recente; de fato, os parâmetros curriculares nacionais (PCN, 1997,1998) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1999) já propõem a prática pedagógica da questão da sustentabilidade como conteúdo da Geografia e também como um dos temas transversais.

Entretanto, o PCN exemplifica que é muito comum em currículos e livros didáticos ocorrerem adaptações das questões ambientais as quais ainda preservam o discurso da Geografia Tradicional não tendo, na maioria das vezes, como objetivo a compreensão processual e crítica dessas questões.

Segundo el, tal ocorrência se transforma na aprendizagem apenas de slogans (PCN, 1998), como também conduzem os educadores a tais práticas.

Desse modo, partindo da premissa de que o livro didático compõe os conhecimentos, auxilia a apropriação deles, contribui com o processo de ensino-aprendizagem a serem dialogados às gerações, a presente pesquisa salienta que os mesmos não estão eximidos das questões históricas e ideológicas que os acompanham. Assim, a importância de se fazer a sua análise, a fim de que ele não venha servir como instrumento do modelo dominante.

É com vista nisso, que a pesquisa tem como pretensão analisar a relação entre a disciplina de Geografia, dialeticamente com o livro didático e a sustentabilidade, objetivando analisar os livros didáticos de Geografia 9º ano, das escolas municipais de Camaçari – Bahia, demonstrando ao mesmo tempo o importante papel que a disciplina exerce em relação ao problema da sustentabilidade.

2 METODOLOGIA

Essa pesquisa é essencialmente de caráter qualitativo. Os procedimentos seguidos foram: pesquisa bibliográfica; trabalho de campo; análise de livros didáticos e integração dos dados.

Na primeira etapa, foi feita uma pesquisa bibliográfica, através do levantamento da literatura relacionado ao processo histórico-cultural do termo sustentabilidade, abordando-o no tempo e no espaço socioeconômico, político e natural. O mesmo procedimento foi adotado quanto ao sistema educacional e aos livros didáticos, analisando suas respectivas contribuições para a manutenção da sustentabilidade ou insustentabilidade, pois parte-se da premissa de que este material possui manipulações ideológicas.

Para o trabalho de campo, segunda etapa da pesquisa, foram selecionadas dez escolas municipais (quadro 2) de Camaçari. A exigência pontual à seleção incluiu escolas que tivessem Ensino Fundamental II, 9ª ano, ademais, o fator aleatório predominou, como também foram realizados formulários aplicados nas unidades do sistema educacional, a coordenação,

diretoria e professor de Geografia, buscando saber quais livros didáticos foram adotados e estão sendo utilizados na disciplina de Geografia da referida série, pretendendo analisar como ocorre o ensino-aprendizagem da sustentabilidade através da análise do livro didático, nas respectivas instituições de ensino.

Na terceira etapa, realizou-se a análise do livro didático com a finalidade de visualizar se os livros didáticos contemplam as perspectivas: históricas, políticas, sociais e culturais diante da conjuntura mundial ao local que abrangem a sustentabilidade; de maneira a melhorar a aprendizagem dos educandos e suas futuras atuações nos diversos âmbitos de sua vida social. Para tal, elaborou-se um formulário (quadro 1) com características em comum a todos, que contemplassem o escopo do trabalho, e então foram definidos cinco parâmetros, tendo em vista agrupar uma conformidade entre eles. O objetivo, portanto, sustentou-se em verificar se os livros didáticos respondem às necessidades, exigidas em torno da sustentabilidade.

Desse modo, para melhor entendimento dos dados a serem analisados, elaborou-se uma legenda, referente aos itens utilizados no formulário:

Quadro 1 – Formulário de verificação do livro didático do 9º ano do Ensino Fundamental II

Livro Título
Autor
Formação dos autores do livro
A – Análise do livro didático com enfoque para a sustentabilidade
B – Linha de abordagem, expressa no discurso da Geografia Crítica.
C – Parte textual e figurativa
D – Atividades propostas
E – Função social do estudo da sustentabilidade na análise crítica da Geografia.

Fonte: elaborado pelos autores.

- A. No enfoque da sustentabilidade – procurou-se observar se são considerados os seguintes elementos: produção, consumo e alienação, assim como os sujeitos envolvidos, as causas, consequências e possibilidades de solução.
- B. A linha de abordagem – verificou se a linha de abordagem expressa no livro didático refere-se ao discurso da Geografia Crítica relacionada ao método dialético e à teoria de fundamentação.

- C. A parte textual e figurativa – procurou analisar se a parte textual e figurativa condiz com a temática sustentabilidade, de modo a suscitar uma visão reflexiva e crítica acerca dos acontecimentos existente da escala local a global.
- D. As atividades propostas – se estas trazem elementos que fazem o aluno se questionar, refletir, desconstruir, reconstruindo um pensamento focado nas mudanças de procedimentos e atitudes, indicadas na Geografia Crítica ou se segue uma linha clássica da Geografia Tradicional;
- E. A função social do estudo da sustentabilidade – objetivou verificar se há função social no estudo da sustentabilidade nos livros didáticos analisados, sob a análise crítica da geografia, de modo a expressar no educando a consciência coletiva, o direito à integridade dos ecossistemas, equilíbrio social e econômico, democracia, e se esta assume a função de melhoria da sociedade atual e futura defendida pela sustentabilidade, assim como a relação entre homem e natureza, na qual a Geografia se fundamenta.

O objeto de estudo da referida pesquisa – Livros didáticos – ocorreu por meio da escolha de 10 unidades de ensino da rede municipal de Camaçari-BA, com a finalidade de visualizar se os livros didáticos contemplam as perspectivas: históricas, políticas, sociais e culturais diante da conjuntura mundial ao local; de maneira a melhorar a aprendizagem dos educandos e suas futuras atuações nos diversos âmbitos de sua vida social. Entretanto, na etapa de campo após pesquisar os livros didáticos utilizados nas 10 escolas, que forneciam o nível do ensino fundamental II 9^a ano, apenas três livros diferenciados foram adotados nas respectivas escolas (ver quadro 2). Estes foram escolhidos para serem analisados:

- Livro 1 - Geografia espaço e vivência, organizado por Boligian (*et al*) 3^o ed. ano 2009, da Editora Atual;
- Livro 2 - Projeto Araribá, organizado pela autora Danelli (*et al*), 2^o ed. produzido em 2007 pela Editora Moderna;

- Livro 3 - Educação de Jovens e Adultos (EJA), educação multidisciplinar, organizado por Youssef (2009); 04 volume da coleção tempo de aprender da Editora IBEP.

Todos os livros são utilizados na rede municipal de Camaçari, 9º ano. Os livros didáticos juntamente com as escolas foram sintetizados no quadro 2 para facilitar a compreensão do leitor.

Quadro 2 – Escolas pesquisadas e seus livros didáticos.

Escolas Pesquisadas	Livro didático utilizado
1 - Escola Municipal Barra do Pojuca, R. Eásio Neto s/n – Bairro: Barra de Pojuca. Orla;	Geografia Espaço e Vivência e Educação de Jovens e Adultos
2 - Escola Municipal Parque Verde, Cond. Rio da Prata – Bairro: Parque Verde;	Geografia Projeto Araribá
3 - Centro Educacional Municipal de Camaçari – CEMC, Rua Araci – Bairro: Phoc. II;	Geografia Projeto Araribá
4 - Escola Municipal Eustáquio Alves Santana, R. Bela Vista – Bairro: Parafuso, Distrito;	Geografia Espaço e Vivência
5 - Escola Municipal Cosme de Farias, Rua da Begônia – Bairro: PHOC I;	Geografia Espaço e Vivência
6 - Escola Municipal Tancredo Neves, Estrada Direta de Juá – Bairro: Juá. Orla;	Geografia Espaço e Vivência
7 - Escola Municipal Marques de Abrantes, Estrada de Buris – Bairro: Vila de Abrantes. Orla;	Geografia Espaço e Vivência
8 - Escola Municipal Sônia Regina de Souza, Rua da Flecha – Bairro: PHOC III;	Geografia Espaço e Vivência
9 - Escola Municipal São Thomaz de Cantuária, R. Ponciano de Oliveira Nº. 27. Bairro: Centro;	Geografia Espaço e Vivência e Educação de Jovens e Adultos
10 - Escola Normal de Camaçari, R. Ponciano de Oliveira – Bairro: Centro.	Geografia Projeto Araribá e Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Fonte: elaborado pelos autores.

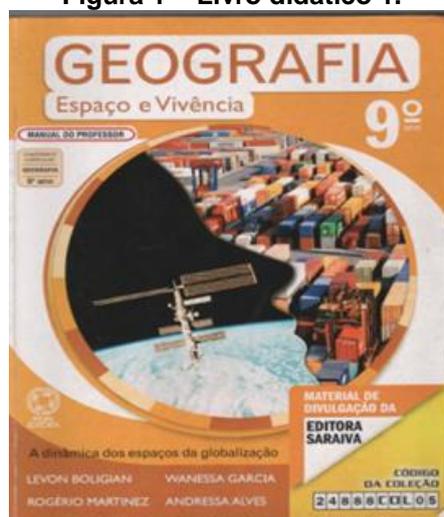
3 PARÂMETROS ANALISADOS NOS LIVROS

Após pesquisar os livros didáticos utilizados nas 10 escolas, que forneciam o nível do Ensino Fundamental II 9ª ano, constatou-se apenas três livros diferenciados adotados nas respectivas escolas. Vale salientar que todos os livros são utilizados na rede municipal de Camaçari, 9º ano. Entre as escolas três escolheram o livro Projeto Araribá, outras três preferiram Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o maior número delas, sete, optaram por Geografia espaço e vivência. Estes foram escolhidos para serem analisados, sendo:

- Livro 1 - Geografia espaço e vivência, organizado por Boligian (et al) 3º ed. ano 2009, da Editora Atual;
- Livro 2 - Projeto Araribá, organizado pela autora Danelli (et al), 2º ed. produzido em 2007 pela Editora Moderna;
- Livro 3 - Educação de Jovens e Adultos (EJA), educação multidisciplinar, organizado por Youssef (2009); 04 volume da coleção tempo de aprender da Editora IBEP.

3.1 Livro 1

Figura 1 – Livro didático 1.



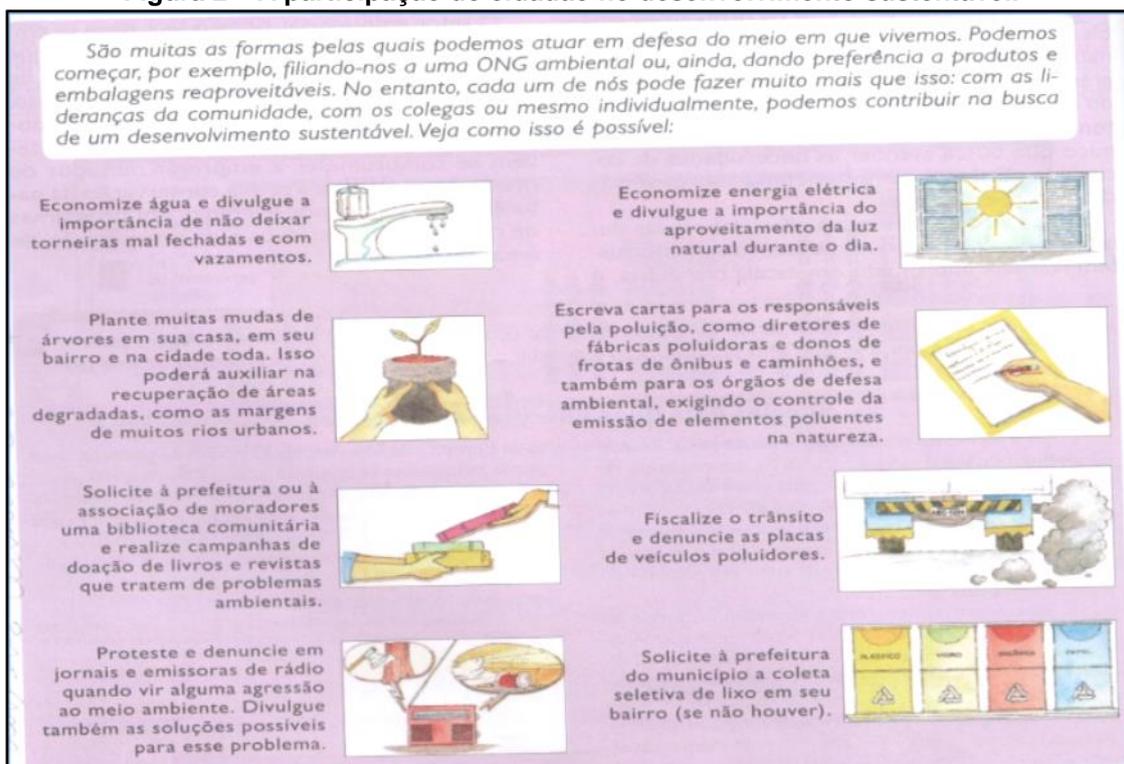
Fonte: Boligian (2009).

A – O enfoque da sustentabilidade nos textos do livro Espaço e Vivência demonstra conter informações atualizadas com as novas experiências que a Geografia vem abordando da temática sustentabilidade, porém de forma totalmente introdutória, superficial, não aprofundando os discursos, tecendo nuances de modo informativo e explicativo e ainda, coloca como realizador da solução, o cidadão, deixando de lado a responsabilidade das grandes corporações, o Estado e os meios de comunicação. Portanto, pode-se ratificar (figura 2) a afirmação com o trecho do livro que descreve:

“Todos nós cidadãos devem participar desse processo de mudança. Para isso, é necessário adotar uma postura ativa, tomando parte nas decisões da comunidade e observando os lugares, como o bairro e a

cidade, a fim de identificar os problemas neles existentes. Ao ser atuante, todo cidadão porá em prática o lema de uma sociedade sustentável (...)" (BOLIGIAN, 2009, p.54).

Figura 2 – A participação do cidadão no desenvolvimento sustentável.



Fonte: Boligian (2009, p.54).

B – Na linha de abordagem, o autor muitas vezes indica uma possível discussão baseada no discurso da Geografia Crítica entre as ilustrações, figuras e textos, mas fica apenas nas informações e estas até possuem uma abordagem contemporânea e atualizada, porém não atingem o objetivo.

C – A parte textual e figurativa representam símbolos sociais a serem utilizados pelos educadores, porém o autor as coloca de maneira pueril, a exemplo da figura 2. A Coca-Cola é um símbolo importantíssimo para se discutir questões de racionalidade da produção do sistema capitalista porque demonstra o teor de alienação que uma sociedade pode atingir no que se refere ao consumo, à criação de novos produtos, novos hábitos e estilos de vida.

Figura 3 – Proposta de atividade do livro 1.



Fonte: Boligian (2009, p 21).

Os textos em boxes, utilizados para leitura complementar, que acompanham o livro, são compostos de textos que evidenciam situações presentes com questionamentos acerca de consequências futuras. Os textos não contextualizam a discussão em torno das causas e consequências, partindo das transformações históricas até atingir a mais atual da problemática sustentabilidade, por situar o aluno em problemas de ordem futura demais, a exemplo do texto sobre lixo espacial – “Lixo espacial: até onde vamos?” (BOLIGIAN, 2009, p. 48) fugindo do controle de ação sugerida por ele a ser efetuada pelos cidadãos.

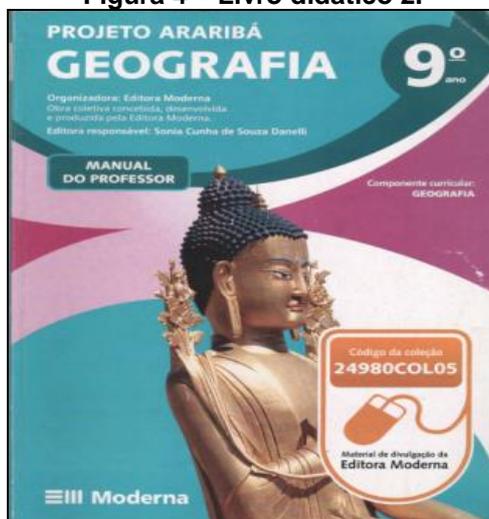
D – As atividades propostas não suscitam problemáticas e questionamentos nos alunos; elas induzem a possíveis respostas. Embora exista um incentivo a realizar atividades em grupo, poderia ser positiva, no entanto muitas das perguntas conduzem a uma resposta já estabelecida ideologicamente pelo autor do livro, como exemplo “Com a segunda Revolução Industrial, houve uma grande modificação no espaço geográfico dos países industrializados, das colônias europeias e dos países não industrializados de outros continentes. Como era a relação entre esses lugares?” (BOLIGIAN, 2009, p.20).

E – A função social do estudo da sustentabilidade é superficial e muitas vezes inexistente; o mesmo parece ter a intenção apenas de transmitir o máximo de informações aos alunos de modo compartimentado, não estabelecendo conexões entre os conteúdos. Em síntese, os conteúdos poderiam ser melhor explorados, de modo a contribuírem com habilidades e

competências nos alunos para que estes possam estabelecer suas escolhas enquanto atores de sua própria realidade.

3.2 Livro 2

Figura 4 – Livro didático 2.



Fonte: Danelli (2007).

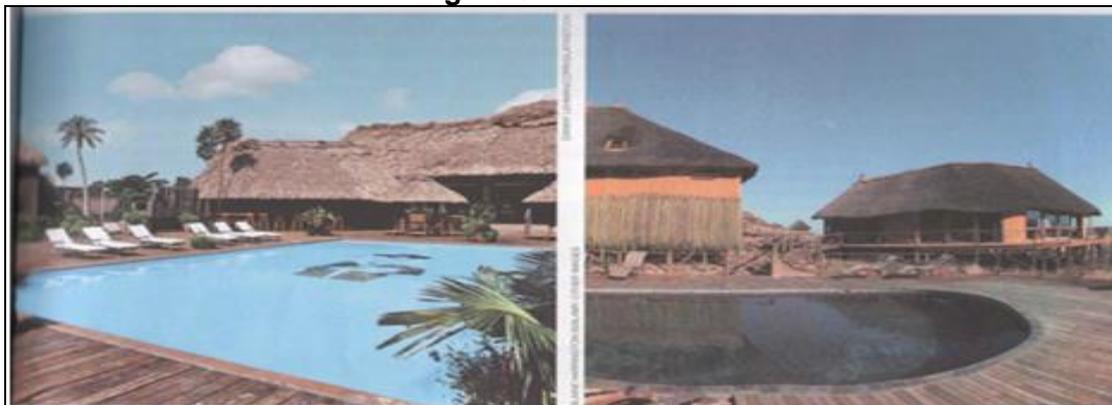
A – Enfoque para a sustentabilidade, no livro Projeto Araribá, não estabelece uma relação entre os conteúdos; são totalmente compartimentados. Muitas vezes torna-se complexo fazer relações entre sociedade e natureza pensando-se na temática sustentabilidade.

B – A linha de abordagem, nos textos do livro 2, expressa a inexistência do discurso da Geografia Crítica, pois os conteúdos são segmentados por subtítulos tornando-se sintéticos, reduzidos e informativos. Além disso, o livro compartimenta a Geografia em: regional, humana, física, econômica, fato que denota o discurso da Geografia Tradicional e compromete o desenvolvimento do aluno.

C – Parte textual e figurativa contém sugestões que aparecem ao lado dos textos compondo caixas as quais podem ser utilizadas como suporte aos docentes, já que no livro não possui textos consistentes e expressivos, assim como ilustrações e figuras que suscitem questionamentos críticos e reflexivos acerca da problemática. A figura 4 confirma tal afirmação, pois ela não expressa o teor reflexivo e crítico que está por trás da imagem, embora esta se

encontre posicionada na parte dissertativa sobre a indústria cultural, indústria do lazer e da moda, teorizado pelo filósofo Adorno (HORKHEIMER, 1980).

Figura 5 – Os resorts



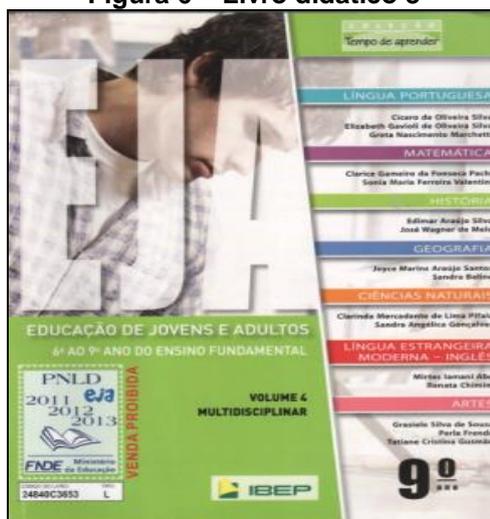
Fonte: Danelli (2007, p 41).

D – As atividades propostas neste livro se revelam em uma linha clássica totalmente descritiva da Geografia, com perguntas totalmente objetivas, forçando os alunos à decoração e conseqüentemente respostas reproduzidas, não suscitando uma análise crítica, podendo ser perfeitamente visualizado através destas citações: “Quais são os principais problemas ambientais no início do século XXI? Que efeitos nocivos têm as queimadas? Qual continente apresenta maior taxa de crescimento de emissão de poluentes?” (DANELLI, 2007, p. 46 e 47).

E – Função social do estudo da sustentabilidade: não enfoca os principais causadores, atores e sim evidencia as conseqüências da ação humana no meio ambiente, também não coloca o aluno como foco da causa e nem da solução da temática, exaltando a neutralidade por trás do seu discurso. Um exemplo claro para confirmar a argumentação acima encontra-se na unidade II, Globalização e organizações mundiais, “Uma característica marcante deste início de século XXI é o agravamento, em âmbito global, de problemas ambientais que afetam a vida de milhões de pessoas, como, por exemplo, a água potável e o aquecimento global” (DANELLI, 2007, p.42).

3.3 Livro 3

Figura 6 – Livro didático 3



Fonte: Beline, 2009.

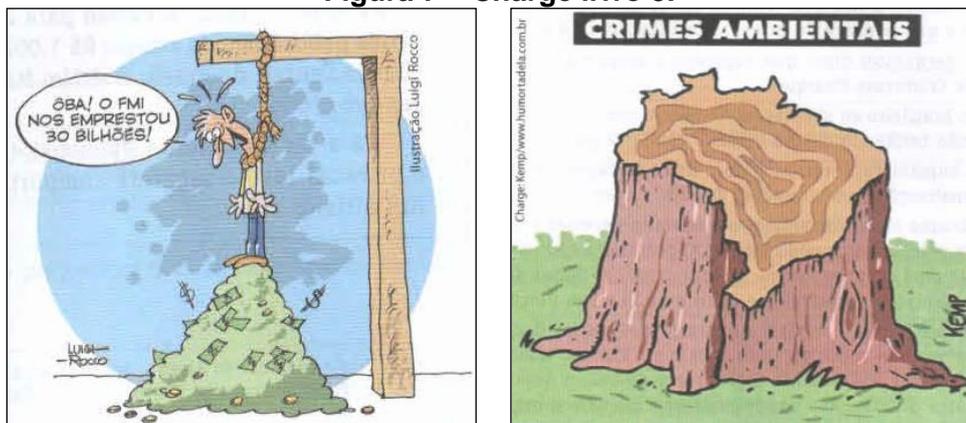
A – O enfoque para a sustentabilidade, no livro Educação de jovens e adultos (EJA), situa os atores da problemática sustentabilidade articulados com suas ideologias, trabalhando as alienações transmitidas a todo tempo na sociedade, nos meios de comunicação, nos livros didáticos, e nos signos que constituem e/ ou são inseridos no cotidiano dos alunos. A definição de sustentabilidade contida é ampliada e condizente com a linha teórica do presente estudo, – “[...] assim como as palavras democracia, liberdade e igualdade; sustentabilidade é uma palavra com um conceito amplo. É a ideia de que o desenvolvimento humano precisa ser baseado em princípios e processos que não destruam nem prejudiquem o nosso planeta” (BELINE, 2009 p. 374) – pois ela inclui questões como democracia, liberdade e igualdade em sua definição, questão esta, não muito disseminada entre os outros livros.

B – Linha de abordagem expressa no discurso da Geografia Crítica, no livro 3, demonstra uma abordagem contemporânea e crítica predominante, porque rompe com o discurso imposto pelas grandes corporações, assim como o da neutralidade, suscitando uma argumentação politizada e crítica contra os interesses da ideologia capitalista moderna; e, suas concepções e valores vislumbram a mudança social.

C – Parte textual e figurativa (figura 6) do livro em destaque combina com o texto do livro, de modo complementar entre si, fazendo-se pensar em

uma estrutura sistemática e organizada dos objetivos que se pretende atingir. Esse segmento analisado no livro possui ilustrações cujas imagens acompanhadas dos títulos suscitam inspiração, criticidade e criatividade a serem desenvolvidas nas aulas. As imagens são lúdicas, divertidas, representam os reais problemas, causas, consequências, soluções que envolvem a temática sustentabilidade na disciplina de Geografia.

Figura 7 – Charge livro 3.



Fonte: Beline (2009, p. 354 e 371).

D – As atividades propostas são articuladas com os textos e muitas vezes correlacionam mais de um texto; os mesmos estimulam uma intensa discussão, sucessivos diálogos e atividades em sala, além de ser muito comum entre os textos, do livro descrever um pequeno parágrafo sobre o autor, sendo algo de extrema relevância já que pode ser visto como uma ferramenta que possibilita ao educando caminhar um pouco mais independente, pois permite conhecer um certo grupo de autores ajudando-lhes na formação de um mini arcabouço de referências futuras. Para confirmar a argumentação anterior pode-se citar como exemplo de proposta: “após estudar as causas dos movimentos antiglobalização, leia a frase a seguir, de autoria do músico e compositor John Lennon (1940 - 1980). “Pense globalmente e atue localmente”. Pense sobre seu significado e escreva uma redação expressando os conhecimentos que constitui” (BELINE, 2009, p. 376).

E – A função social do estudo da sustentabilidade, neste livro, possui uma preocupação com o direcionamento da formação social, econômica, cultural, política do indivíduo como também com os valores relacionados à ética e à moral.

A partir dos dados obtidos e discutidos no referido artigo, percebeu-se que no livro 1 e 2 a temática sustentabilidade não preencheu as exigências no que se refere ao conceito trabalhado na pesquisa, e, dando ênfase ao livro 2, ela praticamente não é mencionada, sendo citado em alguns momentos apenas “problemas ambientais”. Entretanto, o caráter crítico, discursivo e dialético é contemplado pelo livro 3. Com vistas nessas argumentações, faz-se, necessário que os conteúdos relativos à temática em discussão, nos livros didáticos referentes à disciplina de Geografia, sejam trabalhados de forma menos alienada e mais articulada. Para tanto, propõe-se o método dialético e a Teoria da atividade como caminho para tais realizações e, ainda, dentro desse viés teórico, dar destaque aos causadores (produção, consumo e alienação), às causas e soluções (envolver os causadores, o Estado, a população e uso de tecnologias), de modo amplo e diversificado, retirando a unilateralidade da problemática e, sobretudo, os alunos como principais solucionadores do processo. O aluno precisa reconhecer o livro didático como um fornecedor de conhecimento significativo adquirido, de modo a proporcionar mudanças de atitudes e posicionamento crítico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia com seu corpo científico complexo e profundo pode subsidiar intensa contribuição para a tão necessária mudança de racionalidade na educação hierarquicamente colocada pelo contexto histórico da economia, da política e da cultura exposto na sociedade.

Nesse caso, as questões citadas sintetizam-se atualmente como um problema de origem da natureza e/ou por atitudes comportamentais do cidadão, não enfatizando a concepção de produção, alienação e consumo escolhida pelo pensamento dominante, o qual é sistematizado pelo perverso processo técnico de transformação da natureza. A discussão da sustentabilidade se faz necessária devido à incongruência desta relação imposta hoje pelo capital.

O livro didático, portanto, precisa de minuciosa análise para findar com a manutenção do modelo vigente. Uma vez consciente das questões que o cercam no mundo contemporâneo, o educando poderá contribuir, pois terá consciência de suas escolhas e práticas dentro do seu mundo, não aceitando ideias estabelecidas pelo pensamento dominante na sociedade.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. **Os domínios de natureza do Brasil: Potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALMEIDA, R. D de. **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2001.

ALMEIDA, R. D de.; PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1989.

ALVIN, T. **O choque do futuro**. Rio de Janeiro: Record, 1970.

ANDRADE, M. C. de. **Caminhos e descaminhos da Geografia**. Campinas: Papirus, 1993.

ANTUNES, C. **A sala de aula da Geografia e História: inteligências múltiplas, aprendizagem significativa e competência no dia a dia**. Campinas: Papirus, 2008.

BELINE, Sandra; SANTOS, Joyce Martins Araújo. Geografia. In: YOUSSEF, Antonio Nicolau. **Educação de jovens e adultos – EJA: 6º ao 9º ano ensino fundamental**. 2 ed. Volume 4 - (coleção tempo de aprender). IBEP. São Paulo, 2009. 537 p.

BENFICA, Gregório. **Sustentabilidade e educação.**

Disponível: <<http://www.seara.uneb.br/sumario/professores/gregoriobenfica.pdf>.

> Acesso em: 3 ago. 2012.

BOLIGIAN, Levon. et al. **Geografia espaço e vivência:** a dinâmica dos espaços da globalização, 9º ano. 3. ed. São Paulo: Atual, 2009. 223 p.

BRAKEL, Manus van. **Os Desafios das Políticas de Consumo Sustentável.** Projeto Brasil Sustentável e Democrático: BSD/FASE, Cadernos de Debate nº 2 48.p. Rio de Janeiro, 2ed, 2003, 48 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** meio ambiente/saúde. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental: MEC/SEF, 1997a, 126 p.

_____. Secretária de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1998b, 156p.

CARLOS, A. F. **A cidade.** São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **A Geografia na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **Espaço e indústria.** São Paulo: Contexto, 1988.

_____. **Novos caminhos da Geografia.** São Paulo: Contexto, 1999.

CARLOS, A. F. A.; OLIVEIRA, A. U de. **Reformas no mundo da educação:** Parâmetros Curriculares e Geografia: São Paulo: Contexto, 1999.

CARVALHO, M. I. da S. **Fim de século:** a escola e a Geografia. Ijuí: Unijuí, 2004.

CASTELLAR, S. M. V. **Educação geográfica:** teorias e práticas docentes. São Paulo: Contexto, 2005.



CASTROGIOVANNI, A. C. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.** Porto Alegre: UFRS, 1998.

CAVALCANTE, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimento.** Campinas: Papirus, 1998.

_____. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

CHIANCA, R. M. B. **Mapas: a realidade no papel.** São Paulo: Ática, 1994.
CMMAD. – Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento –. **Nosso futuro comum.** Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1991. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/12906958/Relatorio-Brundtland-Nosso-Futuro-Comum-em-portugues>. Acesso em: 21 jun. 2011.

CÔRREA, R. L. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Região e organização espacial.** São Paulo. Ática, 1987.

_____. **Trajetórias geográficas.** Rio Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DANELLI, Sonia Cunha de Souza. **Projeto Araribá: Geografia.** 2 ed. São Paulo: editora moderna. 2007. 234 p.

DEL GROSSI, S. R. Geografia e o conceito da natureza **Revista do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia**, ano 5, n. 9 e 10, p. 125-129. Uberlândia, dezembro, janeiro, 1993.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999, 288 p.

DIAMOND, Jared. **Colapso** como as sociedades escolhem o fracasso ou o

DOMINGUINI, Lucas. **Fatores que evidenciam a necessidade de debates sobre o livro didático.** Congresso Internacional de Filosofia e Educação – V CINFE. Rio Grande do Sul. Maio de 2010. 16 p.



DUARTE, N. **A Teoria da Atividade como uma Abordagem para a pesquisa em educação.** Florianópolis, v.21, n.02, jul/dez. 2003, p. 279-301.

DUPAS, G. **Ética e poder na sociedade da informação:** de como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. São Paulo: UNESP, 2000.

FERREIRA, L. C; VIOLA, E, (Orgs.). **Incertezas de sustentabilidade na globalização.** Campinas: UNICAMP, 1996.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **A globalização da natureza e a natureza da globalização.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, 459 p.

_____. **Os (des) caminhos do meio ambiente.** 7 ed. – São Paulo: contexto, 2000. 145 p.

_____. **Possibilidades e limites da ciência e da técnica diante da questão ambiental.** Seminário Universidade e Meio Ambiente. Belém: CRUB/UFGA, 1987, 34 p.

HADJI, C. **Avaliação desmistificação.** Porto Alegre: Artmed, 2001.
Harvey, David. **A produção do espaço.** Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Annablume, 2005, 251 p.

HAYAT, R. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem.** São Paulo: Ática, 1997.

HERNÁNDEZ, F. **Organização do currículo por projetos de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliação mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação & Realidade, 2004.

HORKHEIMER, Theodor W. Adorno, Jurgen Habermas. **Os Pensadores.** Tradução de José Lino Grünnewald (et al). São Paulo: Abril Cultural, 1980.
IANNI, O. **Teorias da globalização.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

KAERCHER, N. A. **Desafios e utopias no ensino de Geografia**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

LACOSTE, Y. **A Geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campina: Papyrus, 1988.

LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental**: a reapropriação social da natureza. Tradução de Luis Carlos Cabral – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, 537 p.

_____. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 3. ed. rev. e aum; tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2004, 494 p.

LEONTIEV, Alexeis N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros horizonte, 1978, 100–116 p.

LIMA, S. T. de. Geografia e literatura: a paisagem vivida. **Cadernos Paisagens**. Bauru: Unesp, 1996.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1997.

MENDONÇA, Francisco de Assis. **Geografia e Meio Ambiente**. 6ed, São Paulo: Contexto, 2002, 80 p

MIGUEL, A.; ZAMBONI, E. **Representação do espaço, multidisciplinar na educação**. Campinas/SP: Autores Associados, 1996.

MIZUKAMI, M da G. N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, A. C. R. **Geografia**: Pequena História Crítica. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Geografia**: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1997.

MORAES, Ant. Carlos Robert. **Geografia: Pequena Historia Critica**. São Paulo: Hucitec, 1994.

MOREIRA, R. **O que é Geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

OLIVEIRA, A. U. (Org). **Para onde vai o ensino da Geografia?** São Paulo: Contexto, 1990.

_____. Ensino de Geografia: horizontes no final do século. **Boletim Paulista de Geografia**, n.70, p.6. São Paulo, 1992.

_____. Ensino de Geografia: horizontes no final do século. **Boletim Paulista de Geografia**, n.72, p.3. São Paulo, 1994.

_____. **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 1994.

OLIVEIRA, C. D. M. de. A redação do contexto no Ensino Fundamental de Geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 70, p. 23. São Paulo, 1992.

PAGANELLI, T. I. Para a construção do espaço geográfico na criança. **Terra Livre**, n.2. São Paulo, junho/1987.

PASSINI, E. Y; PASSINI, R; MALYSK, T. (orgs). **Práticas de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: contexto, 2007.

PERRENAUD, P. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 2000.

_____. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto alegre: Artmed, 1999.

PIRAN, N. L. et al. A Geografia nas séries terminas do 1º grau. **Revista Perspectivas**, v. 18, n. 64. Erechim, dezembro/1994.

PIRAN, N. L. Introdução aos estudos de Cartografia no 1º grau (I). **Revista Perspectivas**, v. 13, n. 43. Erechim, agosto/1989.

_____. Introdução aos estudos de cartografia no 1º grau (III). **Revista Perspectivas**, v. 14, n. 46. Erechim, abril, junho/1990.

PONTUSCHKA, N. N. Interdisciplinaridade: aproximações e fazeres. **Terra Livre**, n. 14. São Paulo, julho/1999.

_____. **O perfil do professor e o ensino/aprendizagem da Geografia**. Cadernos Cedes 39: ensino de Geografia. Campinas: CEDES/Papirus, 1996.

PONTUSCHKA, N. N. PAGANELLI, T. I. CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. – São Paulo: Cortez, 2005, 245 p.

REGO, N. **Um pouco do mundo cabe nas mãos**: geografizando em educação o local e o global. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

RESENDE, M. S. **A Geografia do aluno trabalhador**: caminhos para uma prática de ensino. São Paulo: Loyola, 1989.

RIFKIN, J. **O fim dos empregos**: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho. São Paulo: Makron Books, 1995.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Problemática ambiental = Agenda Política**. Espaço, território, classes sociais. Boletim Paulista de Geografia – “Perspectiva Crítica” - nº 83-dezembro de 2005 - p.91 a 110. Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB-SP.

RUA, J. et al. **Para ensinar Geografia**. Rio de Janeiro: Access, 1993.

RUÉ, J. **O que ensinar e por quê:** elaboração e desenvolvimento de projetos de formação. São Paulo: Moderna, 2004.

SANTOS, M. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo; Hucitec, 1996.

_____. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1993.

_____. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica.** São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Técnica, espaço e tempo:** globalização e meio técnico-científico-informacional. Rio de Janeiro: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **Brasil:** Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001. 470 p.

_____. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SÃO PAULO. Secretaria do Estado da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Fundamentos para o ensino de Geografia.** São Paulo: SE/Cenp, 1988.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais:** Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1998.
Sucesso. Tradução de Alexandre Raposo, 5 ed. São Paulo: Record, 2005, 492 p.

TONINI, I. M. **Geografia escolar: uma história sobre seus discursos pedagógicos.** São Paulo. Ijuí: Unijuí, 2003.

VESENTINI, J. W. et al. **Geografia e ensino: texto críticos.** Campinas: Papyrus, 1999.

_____. **Geografia, natureza e sociedade.** São Paulo, Contexto, 1989.

_____. **O ensino de Geografia no século XX.** Campinas: Papyrus, 2004.

_____. **Para uma Geografia crítica na escola.** São Paulo: Ática, 1998.

_____. **Para uma Geografia crítica na escola.** São Paulo: Ática, 1992.

_____. **Geografia, natureza e sociedade.** São Paulo: Contexto. São Paulo, 1997. p 91.

_____. **Para uma Geografia crítica na escola.** Editora do autor. São Paulo, 2008 107 p.

WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** São Paulo: Ática, 2002.

YI-FU T. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

YUS, R. **Temas transversais: em busca de uma nova escola.** Porto Alegre: Artmed, 1998.